



O SAMBA ENREDO E A RODA DE SAMBA COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS NUMA INSTITUIÇÃO ESPECIALIZADA EM DEFICIÊNCIA VISUAL

USING SAMBA-ENREDO AND SAMBA CIRCLES AS PEDAGOGICAL TOOLS IN AN INSTITUTION FOR THE VISUALLY IMPAIRED

Mariana dos Reis Santos¹

Mauro Sergio Farias²

RESUMO

Este estudo tem como objetivo lançar luz a uma metodologia educacional adotada denominada “Roda de samba pedagógica” realizada por dois professores pesquisadores dentro de uma instituição especializada em deficiência especial. Este relato de experiência é produto do desdobramento da utilização de sambas enredos como ferramenta pedagógica para a abordagem do conteúdo da disciplina de História realizado por uma professora. O trabalho pedagógico balizou-se inicialmente nas experiências da professora pesquisadora abordando sambas enredos que versavam sobre temáticas relativas à “culturas indígenas” e “100 anos da abolição da escravidão”. A partir das construções pedagógicas realizadas em sala de aula com esses alunos com deficiência, estabeleceu-se a demanda discente pela realização de um evento de roda de samba aberto a toda comunidade escolar. A culminância dessa abordagem suscitou a criticidade discente e a curiosidade dos alunos com deficiência visual no conteúdo dos sambas enredos, resultando na construção de uma roda de samba acadêmica realizada por dois professores. Em suma, a metodologia da “roda de samba pedagógica” escolhida por esses dois professores fortaleceu as diretrizes das respectivas Leis nº 10. 639/2003 e 11.645/2008, promoveu as construções intelectuais dos sambas enredos como conteúdo curricular essencial numa instituição especializada em deficiência visual. Os referenciais teóricos utilizados no estudo para a compreensão de uma Educação antirracista foram Pinheiro (2023) e Gomes (2023). Na temática envolvendo questões como “história do Carnaval” e “samba enredos como ferramenta pedagógica” do Rio de Janeiro, referenciamos as pesquisas de Cattani (2008), Farias (2002) e Diniz (2006). Por fim, o estudo também procurou ressaltar que as Escolas de Samba são instituições carregadas de densidade teórica e culturais, elementos necessários ao processo de ensino aprendizagem nas escolas públicas.

PALAVRAS-CHAVE: Roda de samba pedagógica. Instituição especializada. Deficiência visual. Samba-enredo.

ABSTRACT

This study aims to shed light on an educational methodology adopted called “pedagogical samba circle” carried out by two research professors within an institution specializing in special disabilities. This experience report is the result of the unfolding of the use of samba plots as a pedagogical tool to approach the content of the History subject carried out by a teacher. The pedagogical work was initially based on the experiences of the research professor addressing samba plots that dealt with themes related to: “indigenous culture” and “100 years of the abolition of slavery”. Based

¹ Professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico no Instituto Benjamin Constant. Pós-doutorado e Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: reis.mari83@gmail.com.

² Discente de Graduação em História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: maurosafuerj@gmail.com



on the pedagogical constructions carried out in the classroom with these students with disabilities, the students' demand for a samba circle event open to the entire school community was established. The culmination of this approach aroused the students' critical thinking and curiosity about the content of the samba plots, resulting in the construction of an academic samba circle carried out by two teachers. In short, the methodology of the "pedagogical samba circle" chosen by these two teachers strengthened the guidelines of Law 10.639, promoting the intellectual constructions of samba plots as essential curricular content in an institution specialized in visual impairment. The theoretical references used in the study for understanding an antiracist education were Pinheiro (2023) and Gomes (2023). In the theme involving issues such as "the history of Carnival" and "samba plot as a pedagogical tool" from Rio de Janeiro, we referenced the research of Cattani (2008), Farias (2002), and Diniz (2006). Finally, the study also sought to emphasize that Samba Schools are institutions loaded with theoretical and cultural density, elements necessary for the teaching-learning process in public schools.

KEYWORDS: Pedagogical samba circle. Specialized institution. Visual impairment. Samba plot.

1 INTRODUÇÃO

Tal estudo apresenta um relato de experiência da pesquisadora a partir de um projeto pedagógico com estudantes cegos e baixa visão numa instituição de deficiência³ visual. A, então, pesquisadora e professora ministrava aulas no quinto ano do Primeiro Segmento no ano de 2018. O seu trabalho docente em sala de aula utilizando o samba-enredo como ferramenta pedagógica para ministrar aula de ensino História no Primeiro Segmento desdobrou na chamada "roda de samba pedagógica".

Posteriormente, a mesma pesquisadora se une a um outro professor e pesquisador da disciplina de História de outra instituição, com atuação em Departamentos Culturais de Escolas de Samba do Rio de Janeiro, construindo um projeto mais denso culturalmente e academicamente.

Desse modo, o objetivo deste artigo parte de uma experiência pedagógica resultante de um projeto em que os estudantes com deficiência visual eram protagonistas desse saber oriundo da cultura afro-brasileira. O samba-enredo foi escolhido pela professora e pesquisadora como instrumento pedagógico capaz de transmitir o conteúdo pedagógico de História de maneira crítica e ao mesmo tempo lúdica para estes estudantes. A pesquisa elucida parte do princípio de uma "Educação antirracista" (Pinheiro, 2023), e uma perspectiva curricular direcionada à formação cidadã, considerando às diversas intersecções que permeiam a vida destes estudantes com deficiência visual.

³ Conforme o artigo 2º da Lei de inclusão de 2015, considera-se pessoas com deficiência "aquelas que possuem impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, em interação com diversas barreiras ambientais, podendo assim obstruir sua participação.



2 CONHECENDO O CAMPO DE ATUAÇÃO: INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

O Instituto Benjamin Constant⁴ é, hoje, uma instituição federal pública de referência nacional na educação e capacitação profissional de pessoas cegas⁵, com baixa visão, surdocegas e com outras deficiências associadas à deficiência visual. Essa instituição constituiu-se como um centro de referência nacional na área⁶, capacitando profissionais e assessorando instituições públicas e privadas no atendimento às necessidades desta comunidade. Há também um setor de reabilitação destinado às pessoas que perderam ou estão em processo de perda de visão.

A instituição educacional especializada em deficiência visual em tela embora se localize no bairro da Urca (zona Sul do Rio de Janeiro), um espaço geográfico privilegiado da cidade, atende um alunado de raça/etnia predominantemente negra⁷ residente, em sua maioria, nas zonas periféricas da cidade e zonas metropolitanas do Estado. Além disso, o perfil de responsáveis femininas pelos estudantes que chefiam os lares de maneira solo é significativo.

Com relação à escolarização dos estudantes com deficiência visual, observou-se, em grande parte da postura pedagógica do corpo docente, a construção da subjetivação desses indivíduos enquanto educandos passivos ou dóceis, desprovidos de subjetividades que suscitem debates reflexivos em sala de aula.

Nas mediações pedagógicas em sala de aula com estudantes desta turma do quinto ano, percebeu-se inicialmente um desconhecimento por parte de alguns estudantes com deficiência

⁴ INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT. Disponível em: <https://www.gov.br/ibc/pt-br>. Acesso em: 1 maio 2024.

⁵ De acordo com a Secretaria de Educação Inclusiva do Ministério de Educação (BRASIL, 2006, p. 13-14), educandos cegos e de baixa visão são definidos como deficientes visuais, ou seja, não possuem visão suficiente para aprender a ler e escrever em tinta. Estes necessitam, portanto, utilizar outros sentidos (tátil, auditivo, olfativo, gustativo e cinestésico) no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. Sendo assim, o acesso à leitura destes indivíduos em fase de escolarização se estabelecerá pela utilização do código braile diante dos educandos que possuem perda total da visão. Há também os educandos deficientes visuais que têm apenas percepção de luz, podendo alguns perceberem claro, escuro e delinear algumas formas, chamados de baixa visão.

⁶ Com o passar do tempo, o IBC tornou-se um centro de pesquisas médicas no campo da oftalmologia, possuindo programas de residência médica renomados no Brasil todo. O programa presta serviço gratuito a população, realizando consultas, exames e cirurgias oftalmológicas. A instituição também é comprometida com a produção de materiais especializados, possui uma imprensa braile, edita e imprime livros e revista de pessoas cegas e baixa visão, além de contar com um farto acervo eletrônico de publicações científicas. Em 2018, após aprovação em portaria nº 310, o Instituto passou a contar com um departamento de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão (DPPE), que possibilitou à instituição o planejamento de cursos de pós-graduação lato sensu e *strictu sensu* na área. As atividades vinculadas ao Programa de Pós-graduação em Ensino na Temática de Deficiência Visual (MPEV) são oferecidas na modalidade presencial e contemplam estudos e práticas pedagógicas para a formação profissional e acadêmica em educação especial, com ênfase na educação inclusiva.

⁷ Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), população negra corresponde ao somatório de pessoas pardas e pretas que constituem o território nacional brasileiro.



visual ao abordar questões relativas às temáticas em relações étnico-raciais”. No entanto, quando esta temática se direcionava a correlacionar aspectos culturais do gênero musical “samba”, em especial, o “samba-enredo” do Carnaval carioca, havia um envolvimento significativo da turma com o debate.

Também foi determinante na opção por essa ferramenta, o ativo papel que as escolas de samba desempenham na preservação e difusão da cultura afro-brasileira através de seus enredos e de suas práticas cotidianas.

Ao se refletir sobre a formação antirracista de grande parte dos professores/as negros/as, supõe-se que essa aprendizagem atravessa a construção da identidade em meio a memórias dolorosas de escolarização. Pinheiro (2023), em sua recente obra intitulada “Como ser um educador antirracista?”, sinaliza que

o processo cognitivo de aprendizagem e construção das temáticas etno raciais às vezes “dói” tanto para adultos quanto para crianças negras pois quando estes atores se apropriam da reestruturação da ideologia racista, há conseqüentemente, uma apreensão psíquica dolorosa (Pinheiro, 2023, p. 81).

Contudo, através da utilização de elementos pedagógicos da cultura afro-brasileira, esses dois pesquisadores e professores envolvidos neste projeto acreditam que é possível ressignificar até mesmo os processos dolorosos de colonização e de herança escravocrata, subvertendo um eurocentrismo cultural imposto na maior parte dos currículos escolares.

Por isso, tal relato de experiência concorda com Gomes (2021) de que “a descolonização das mentes implica construir práticas pedagógicas e epistemológicas antirracistas” (Gomes, 2021, p. 437). Nesse sentido, tal estudo estrutura-se na defesa de uma escola cidadã, a partir das conexões estabelecidas com lutas políticas da Educação Especial, participação dos indivíduos na sociedade e construção das subjetividades a partir da agenda política envolvendo a aplicação da Lei nº 10.639 no chão da sala de aula.

3 METODOLOGIA: A RODA DE SAMBA PEDAGÓGICA NA INSTITUIÇÃO ESPECIALIZADA EM DEFICIÊNCIA VISUAL

No segundo semestre do ano de 2018, constituiu-se um projeto pedagógico formulado pela professora pesquisadora intitulado “Roda de samba pedagógica”. Essa culminância pedagógica se desdobrou em um grande evento na instituição escolar, a partir do programa curricular da disciplina



de História, abordando pedagogicamente letras de samba em sala de aula. Os estudantes assimilavam e debatiam as temáticas desenvolvidas em sala de aula versando sobre o conteúdo de relações étnico-raciais através da apresentação destas canções trabalhadas ao longo do semestre. Assim, alguns sambas enredos escolhidos foram utilizados como elementos metodológicos e avaliativos para a abordagem do conteúdo curricular da ementa da disciplina.

Na obra “Para tudo não se acabar na quarta-feira: a linguagem dos sambas enredos (2002)”, Farias explica que expressões linguísticas e poéticas conseguem cristalizar memórias histórico-culturais de uma sociedade. Portanto, o samba-enredo se configura numa importante fonte de debates e de saber, podendo-se levantar, assim, problematizações em sala de aula. Assim, o autor define samba-enredo como:

[...] Narração de uma história, uma sucessão de acontecimentos, desenvolvendo temas a partir de minuciosas pesquisas, adaptando-os às características da Escola, podendo ser apresentada em diferentes estilos: biografia, fatos e personalidades da história, crítica social e política, lendas e folclores, humor, etc. (Farias, 2002, p. 28).

Diniz, em sua obra “Almanaque do Samba”(2006), também define a importância da origem das escolas de samba e seu legado para a sociedade:

O legado que os blocos, ranchos, cordões e sociedade deixaram para as escolas de samba é muito claro. Poderemos até dizer que as escolas de samba são uma síntese de blocos esses carnavalescos: o enredo; os grandes carros alegóricos, as alas, as instrumentações, a beleza, o mestre-sala, a porta bandeira, as mulheres bonitas (Diniz, 2006, p. 99).

Já Cattani (2008) em seus estudos sobre o uso do samba-enredo como

ferramenta pedagógica na sala de aula ressalta que a escola de samba é uma ação cultural que processa e organiza as relações sociais, econômicas e políticas, possibilitando uma relação da população com a cultura dita erudita em especial, através da confecção de enredos e sua conexão com os desfiles (Cattani, 2008, p. 38).

Desse modo, a professora e pesquisadora, inicialmente, abordou, em suas aulas, o conteúdo currículo relativo às “culturas indígenas, no escopo da 11645, que introduz a obrigatoriedade do estudo destas culturas no âmbito de todo o currículo escolar”. Isso foi feito com a utilização, como temas geradores para a abordagem, de dois sambas enredos concorrentes ao ano de 2017 das escolas de samba do Grupo Especial do Rio Janeiro: Beija Flor e Imperatriz Leopoldinense. Embora as duas agremiações tivessem a temática dos povos originários como centralidade, suas formas de abordagem eram totalmente distintas.



A Escola de Samba Beija-Flor exaltava, em seu enredo, a epopeia de “Iracema”, baseada no romance de José de Alencar. Tinha, como pano de fundo, a história romantizada entre um homem branco e uma mulher indígena descrita com padrões estéticos admiráveis, naturalizando as relações de assédio aos corpos indígenas femininos no período da colonização. Assim, o samba-enredo, composto por Claudemir, Maurição, Ronaldo Barcellos, Bruno Ribas, Fábio Alemão, Wilson Tatá, Alan Vinicius e Betinho Santos, centralizava na sua temática a visão positiva da “miscigenação” entre homens brancos e mulheres indígenas no romance de Iracema, enfatizando em sua canção o seguinte trecho:

“Bem no coração dessa nova terra
A menina moça e o homem de guerra
Ele sente a fecha, ela acerta o alvo
Índia na floresta, branco apaixonado
Vem pra minha aldeia Beija Flor”

Em contraponto a esta visão pacificadora do processo de colonização no Brasil e interferência do homem branco na formação da nossa identidade, o samba-enredo da escola Imperatriz Leopoldinense, composto por Moisés Santiago, Adriano Ganso, Jorge do Finge e Aldir Senna, denunciava a exploração da lógica do capital no bioma brasileiro. O enredo mencionava a ação da hidrelétrica de Belo Monte e das empresas multinacionais operando no projeto de dizimação dos povos indígenas e destruição do planeta frente à ganância humana. Vejamos trechos críticos da canção:

“Sangra o coração do meu Brasil
O belo monstro rouba as terras dos seus filhos
Devora as matas e seca os rios
Tanta riqueza que a cobiça destruiu
Sou filho esquecido no mundo
minha cor é vermelha de dor
O meu canto é bravo e forte
Mas é hino de paz e amor”

Ao abordar esse samba-enredo com um cunho político tão engajado, tal dinâmica não só suscitou uma grande problematização em sala de aula como também estimulou os estudantes a conhecerem outros sambas enredos que despertassem criticidade, dialogando com suas famílias sobre a história das escolas de samba e estas temáticas em questão.



Após o intenso trabalho realizado referente à temática “cultura indígena” em sala de aula, iniciou-se a abordagem sobre o “processo de escravidão no período colonial” com essa turma.

Novamente, a professora utilizou dois sambas enredos para a contextualização do debate, porém naquele momento, as canções apresentavam temáticas de caráter crítico que não se antagonizavam na forma de abordar este período histórico. As duas composições escolhidas eram oriundas da disputa do Desfile de Carnaval Especial de 1988. No ano em questão, centenário da abolição da escravatura no Brasil, várias Escolas de Samba apresentaram desfiles dedicados a essa temática.

Para uma melhor contextualização, cabe lembrar que enredos sobre a luta política e o legado cultural da população afro-brasileira já são uma prática recorrente nos desfiles desde a década de 1960. Nas décadas anteriores, desde o advento dos desfiles oficiais, em 1932, num movimento de busca por legitimação e inclusão, as escolas apresentavam enredos sobre a História do Brasil, mas sempre sob um viés conservador, eurocêntrico. As temáticas sempre giravam em torno de monarcas, estadistas, escritores ou militares (invariavelmente homens brancos), ou de efemérides celebrativas da história vista sob a ótica das classes dominantes.

Essa tendência só começou, gradativamente, a mudar, nos anos 1960, quando o desejo das comunidades de se reconhecerem nos desfiles e narrarem sua própria história se conectou com o pensamento que florescia nos estudos acadêmicos brasileiros, em meio ao contexto da descolonização africana. O contato de professores da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como Fernando Pamplona (que veio a ser carnavalesco do Salgueiro) em 1960 com as escolas se traduziu em novas abordagens para os desfiles. Personagens negros como Zumbi dos Palmares, Chico Rei e Xica da Silva, outrora invisibilizados, começavam a ganhar protagonismo ao se tornarem enredo dos desfiles.

Essa tendência já era uma realidade consolidada nos desfiles ao longo dos anos 1980. A ela veio se somar o tanto de demandas sociais represadas durante a ditadura, explodindo na abertura política no pós-ditadura e se desdobrando na produção intelectual do universo das Escolas de Samba com a profusão de enredos críticos às diversas mazelas do país. Foi nesse encontro entre os enredos que enalteciam o legado cultural afro-brasileiro e a crítica política efervescente daquela década que se popularizaram os dois sambas com essa temática trabalhados na Roda de Samba Pedagógica.

Um dos sambas épicos que se destacou era intitulado: “Cem Anos de Liberdade- Realidade ou ilusão?” apresentado pela Estação Primeira de Mangueira e composto por Hélio Turco, Alvinho



e Jurandir, tinha como verso central da canção o questionamento social: “Será, que a lei Áurea tão sonhada, há tanto tempo assinada, não foi o fim da escravidão?”. Desse modo, a obra nos incita a reflexão de que a história da escravidão no Brasil deixou marcas profundas, alijando, desempregando e abandonando pessoas negras. Vejamos alguns trechos:

“Será
Que já raiou a liberdade
Ou se foi tudo ilusão
Será ô, será
Que a Lei Áurea tão sonhada
Há tanto tempo assinada
Não foi o fim da escravidão?
Hoje dentro da realidade
Onde está a liberdade?
Onde está que ninguém viu?”

Outro samba-enredo marcante nesse mesmo ano para a história do Carnaval foi “Kizomba”, da Unidos de Vila Isabel, de autoria dos compositores Luiz Carlos da Vila, Rodolpho e Jonas, abordava a ideia de uma grande festa da “raça negra”, elucidando a representação da resistência negra contra o preconceito racial. A canção descreveu a “Kizomba” como “nossa constituição”, abordando a confraternização das tradições negras enquanto princípio de igualdade. A exaltação dos elementos da cultura afro-brasileira está enfatizada no seguinte trecho:

“Esta Kizomba é nossa Constituição
Que magia
Reza, ajeum e orixás
Tem a força da cultura
Tem a arte e a bravura
E um bom jogo de cintura
Faz valer seus ideais”

Esses dois sambas enredos com a temática sobre os “100 anos da Abolição” foram contextualizados pedagogicamente em sentidos de crítica social, porém com objetivos pedagógicos direcionados a diferentes debates. O samba da Mangueira tinha como centralidade a denúncia da “falsa abolição” e a continuidade de uma escravidão velada na sociedade ao se referir as condições desiguais da população negra mesmo naquela época. Já o samba de Vila Isabel aborda a posituação da simbologia da cultura afro-brasileira e o negro enquanto protagonista da identidade nacional brasileira.



Após esse intenso trabalho em sala de aula, os estudantes demandaram um momento educativo propício para apresentarem as músicas de samba-enredo cantando e tocando instrumentos musicais, o que veio a originar o projeto intitulado “Roda de Samba Pedagógica”. Nesse mesmo contexto, havia, na sala de aula, alguns estudantes que já possuíam familiaridade técnica com instrumentos musicais característicos do gênero musical como caixa, tamborim e cavaquinho. Cattani (2008, p. 39) em suas formulações enfatiza que ao utilizarmos o samba-enredo em sala de aula seja assistindo desfiles de escola de samba, tocando ou cantando com os alunos, tornamos os conteúdos históricos mais compreensíveis para os alunos ao invés da tradicional abordagem do conteúdo do livro didático.

Dessa forma, o contato com a musicalização promove em sentido amplo o desenvolvimento físico, intelectual e afetivo dos estudantes com deficiência visual. Atividades musicais despertam consciências perceptivas, ampliando os limites físicos e mentais no processo educativo. O desenvolvimento motor e a consciência auditiva através do contato com a musicalização tendem a promover melhor rendimento no processo de ensino aprendizagem.

Vale lembrar que essa instituição especializada é composta por uma equipe docente da disciplina de “Música” muito engajada em projetos inovadores dentro da escola. Esses atores vieram a se aproximar do projeto posteriormente após sua primeira culminância. Esse fator foi fundamental para a garantia da mobilização e empenho da turma com o projeto de roda de samba pedagógica. Além disso, estudantes com deficiência visual possuem uma sensibilidade auditiva aguçada para a música ao perceberem os estímulos pedagógicos.

Segundo pesquisas da Universidade de Washington (2019), os resultados mostraram que pessoas que não conseguem enxergar, geralmente, podem interpretar as frequências sonoras como mais facilidade. Isso porque o córtex auditivo dos indivíduos com deficiência visual apresenta uma “sintonização” neural mais estreita. Essa característica ajuda a discernir pequenas diferenças na frequência sonora.

A construção pedagógica e desdobramento no currículo letivo da “Roda de samba pedagógica” se basearam também nas Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008 pertencentes à Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996. Nesse sentido, tais projetos se estruturaram na garantia do ensino sobre a história das culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas no currículo da sala de aula.

A dinâmica do evento da primeira roda de samba pedagógica foi organizada pela professora e pesquisadora da seguinte forma: a) a professora apresentava os temas trabalhados em sala de aula



(no caso, os dois últimos samba-enredos trabalhados da Mangueira e de Vila Isabel do ano de 1988); b) a professora interpelava os estudantes pedagogicamente com questões avaliativas sobre o assunto pedagógico do samba-enredo c) quatro pesquisadores/pesquisadoras convidados interligados à temática comentavam sobre o assunto durante um tempo numa espécie de bancada d) Os samba-enredos eram executados musicalmente e cantados pelos estudantes com instrumentos musicais para toda a comunidade escolar.

Imagem 1: Culminância do evento da roda de samba



Fonte: Arquivo pessoal da professora pesquisadora.

O elemento central desse formato seria o trabalho pedagógico com as músicas e a interação de pesquisadores da temática de samba com os estudantes DV. Posteriormente, esse projeto em específico da roda de samba pedagógica foi laureado na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) com o “Prêmio Paulo Freire”, iniciativa aprovada pelos deputados do Estado do Rio de Janeiro.

Durante a realização do projeto (anos de 2018 e 2019), as emissoras “TV Futura” e extinta “TV Escola” entraram em contato com a professora para realizar entrevistas televisionadas devido certa visibilidade deste projeto de cunho inédito num espaço de Educação Especial.



Imagem 2: Participação da professora pesquisadora no Programa da TV Futura



Fonte: Arquivo pessoal da professora pesquisadora.

Nessa ocasião da foto acima, a professora pesquisadora participou do Programa “Conexão” da TV Futura, sendo entrevistada pela apresentadora, que, por sua vez, lhe indagou sobre a origem do projeto “Roda de samba pedagógica” no Instituto Benjamin Constant. Naquele momento, a professora pôde referenciar em entrevista, as inspirações pedagógicas para a constituição dessa metodologia em uma instituição especializada em deficiência visual e os principais atores sociais envolvidos no projeto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho acadêmico evidenciou a metodologia pedagógica da “roda de samba pedagógica” como instrumento de contribuição potente e crítica numa instituição especializada em deficiência visual.

O estudo compreende que tanto os 2 professores pesquisadores envolvidos no projeto quanto os alunos com deficiência visual são produtores de conhecimento, a partir da utilização do samba-enredo como conteúdo curricular da disciplina de História.

O primeiro aspecto que se mostra evidente a partir da experiência da Roda de Samba Pedagógica é a potência, ainda bastante subexplorada, deste gênero musical e das Escolas de Samba como instituição mola propulsora para uma educação antirracista. Com audiência televisiva na casa das dezenas de milhões, o desfile das Escolas de Samba se mostra um veículo muito eficaz de divulgação e representação positiva da cultura afro-brasileira. Por isso, a fácil identificação até



mesmo de alunos com deficiência visual que enfrentam inúmeras barreiras de acessibilidade frente a uma sociedade predominantemente imagética.

Por fim, a metodologia de roda de samba pedagógica ampara-se na perspectiva da filosofia africana “Ubuntu” da coletividade, promovendo assim o desenvolvimento das funções psíquicas superiores e o desenvolvimento de múltiplas linguagens dos alunos com deficiência visual. Desse modo, o conhecimento “em roda” tão evidenciado pela ancestralidade africana e indígena estimula a participação política e social dos alunos, rompendo com o modelo meramente propedêutico e educacional de escola pública.

Num contexto em que a aplicação da Lei Federal nº 10.639/2003 e Lei nº 11.645/2008 ainda não é aplicada de forma adequada em toda a rede, o uso desta ferramenta pedagógica pode construir um ambiente lúdico e propício à discussão dessas temáticas. Além disso, o passado de resistência do samba em sua luta por legitimação e reconhecimento, se conecta ainda mais com estudantes de grupos invisibilizados, inclusive na educação especial.

REFERÊNCIAS

ALEMÃO, Fábio; BARCELLOS, Ronaldo; CLAUDEMIR, Maurício; RIBAS, Bruno; SANTOS, Betinho; TATÁ, Wilson; VINICIUS, Alan. **A Virgem dos lábios de Mel, Iracema**. CD Sambas de Enredo das Escolas de Samba do Grupo Especial do Carnaval do Rio de Janeiro. Gravadoras Universal Music e Escolas de Samba. Rio de Janeiro, 2017.

ALVINHO, Jurandir; TUCO, Hélio. **Cem anos de Liberdade, Realidade ou Ilusão**. LP Sambas de Enredo das Escolas de Samba do Grupo 1A Carnaval 88. Gravadora RCA Victor. Rio de Janeiro, 1987.

BRASIL, **Resolução nº 04, de 2 de outubro de 2009**. Institui diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. MEC. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2009.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: MEC, 2003.

BRASIL. Lei nº 13.646,6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com deficiência). **Diário Oficial da União**, 2015. Brasília, DF, n.34, p.1.



BRASIL. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Saberes e práticas da inclusão:** desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos cegos e de alunos com baixa visão. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

CABRAL, Sérgio. **Escolas de Samba do Rio de Janeiro.** 1ª Edição. Rio de Janeiro: Lazuli Editora e Companhia Editora Nacional. 2016.

CATTANI, A. **O uso do samba de enredo como ferramenta auxiliar no ensino de história:** o carnaval do ano 2000; 2008. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008.

DINIZ, André. **Almanaque do samba:** a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FARIAS, Julio Cesar. **Para tudo não se acabar na quarta-feira:** a linguagem do samba-enredo. Rio de Janeiro: Litteris Ed., 2002, p. 28.

FINGE, Jorge do; GANSO, Adriano; SANTIAGO, Moisés; SENNA, Aldir. **Xingu, o clamor que vem da Floresta.** CD Sambas de Enredo das Escolas de Samba do Grupo Especial do Carnaval do Rio de Janeiro. Gravadoras Universal Music e Escolas de Samba. Rio de Janeiro, 2017.

GOMES, Nilma Lino. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Revista de Filosofia:** Aurora, v. 33, p. 435-454, 2021.

INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT. Disponível em: <https://www.gov.br/ibc/pt-br> Acesso em: 5 nov. 2024.

JONAS, RODOLPHO; VILA, Luiz Carlos de. **Kizomba, a festa da raça.** LP Sambas de Enredo das Escolas de Samba do Grupo 1A Carnaval 88. Gravadora RCA Victor. Rio de Janeiro, 1987.

PINHEIRO, Barbara. **Como ser um educador antirracista.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

REVISTA GALILEU. **Pesquisa revela porque audição de deficientes visuais é tão precisa,** 24 abr. 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2019/04/pesquisa-revela-porque-audicao-de-deficientes-visuais-e-tao-precisa.html>. Acesso: 14 maio 2025.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Edusp, 2007

Enviado em: 28/12/2024

Aceito em: 15/05/2025